2.ª SERIE. TOMO V.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 18. QUINTA FEIRA, 11 DE NOVEMBRO DE 1852. **12.º ANNO.**

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

CAMINHOS DE FERRO.

I

A maquina de vapôr teve o feliz destino de receber applicações da mais subida importancia quasi desde o momento de sua creação. Em 1690 o talento de Papin expõe ao mundo scientifico a sua grande concepção concernente ao vapôr, e apenas decorridos dez annos esse pensamento theorico, sahindo do dominio especulativo, é applicado á industria. Savery e Newcomen dedicando a maquina atmospherica ao esgotamento das aguas nas minas de carvão de pedra salvam de imminente ruina o tronco principal da industria britannica. Apenas James Watt effectuára no systema das maquinas de vapôr a revolução admiravel que ampliou indefinidamente a riqueza industrial, as applicações de seus descobrimentos realisaram-se logo n'uma escala immensa. Armada de forças novas, a maquina de vapôr vem offerecer seu util soccorro aos inumeraveis trabalhos das manufacturas e officinas. A perseverança e talentos de Fulton abrem-lhe depois o imperio dos mares; e arrosta no oceano os impetos dos ventos e das ondas. Finalmente, novos aperfeiçoamentos no mechanismo deste poderoso motor proporcionam o meio de applical-o aos transportes rapidos pelas vias de locomoção terrestre.

Postoque as maquinas locomotivas sejam muito mais simples na sua combinação do que as maquinas fixas que funccionam nas officinas ou nas embarcações, a sua invenção é muito posterior em data áquellas. Os barcos de vapôr sulcavam os rios nos dois hemispherios vinte annos antes de se estabelecer a circulação dos viajantes pelos caminhos de ferro. Esta circumstancia se explicará sem difficuldade, reflectindo-se nas condições especiaes que a maquina de vapôr devia desempenhar para servir á conducção de homens e fardos pela via terrestre. As unicas maquinas de vapôr conhecidas e usadas na industria até o principio do nosso seculo foram as maquinas de condensação: ninguem se podia lembrar de applica-las aos transportes por estradas, porque a enorme quantidade de agua que demanda a condensação do vapôr carregaria o trem a ponto que nem elle se moveria. Para resolver o problema era preciso um aparelho motor que appresentasse simultaneamente tenue pezo, volume mediano, e potencia consideravel. As maquinas de alta pressão reunem estas condições preciosas, mas não foram usadas antes de 1801; portanto, a contar desse anno é que se poude tratar seriamente de applicar a potencia do vapôr á locomoção por terra.

Todavia é certo que alguns homens insignes na mechanica fizeram, antes daquella epocha, tentativas sobre o problema da locomoção por vapôr; porém, apenas são dignas de menção. Desse modo em 1759 o doutor Robison, então alumno da universidade de Glascow, se propozera a applicar o vapôr a fazer andar as rodas das carroagens; e James Watt, em 1784, dá em um de seus documentos a descripção de uma maquina de condensação applicavel ao mesmo objecto. Porém, estes dois sabios tinham conhecimento bem profundo destas questões para que ligassem importancia alguma a uma ideia deste genero; não tardou que abandonassem seu projecto.

Não fez assim um engenheiro francez, por

nome Cugnot, que desconhecendo a gravidade dos obstaculos que ia encontrar poz em pratica longos e inuteis ensaios para construir carros postos em movimento pelo vapôr. Longe de contribuir, como alguem pertende, para o descobrimento da locomoção o que fez este engenheiro foi retarda-lo em consequencia do seu revez.

A carroagem a vapôr, construida em 1770 pelo sobredito Cugnot, existe ainda no conservatorio das artes e officios de Paris, onde os curiosos vão ás vezes vê-la. Quando se examina com olhos imparciaes o mechanismo deste aparelho antigo, não se sentem disposições de participar da especie de admiração beatifica, de que tem sido objecto em França ha annos a esta parte. Apesar da veneração que possa infundir a sua vista, seja licito considerar o patriarcha das locomotivas como uma creação mesquinha. A carroagem de Cugnot era posta em movimento por uma maquina de effeito singelo. Compunha-se de dois cylindros de bronze, collocados verticalmente, nos quaes o vapôr introduzido por um tubo achava-se em communicação, ora com a caldeira para receber o vapôr, ora com o ar para expellir esse vapôr quando tinha produzido o seu effeito. A caldeira posta na dianteira da carroagem appresentava a fórma de uma spheroide achatada; o fogão, quasi concentrico á caldeira, ficava por baixo. Todo este systema descançava em tres rodas; a de diante era a roda motora que recebia a acção do pistão, as outras duas não serviam senão de manter o equilibrio.

A maquina a vapôr de effeito singelo nunca podéra applicar-se á propulsão dos navios; com motivo mais forte devia falhar na locomoção por terra, onde uma fricção mais activa e outras muitas difficuldades estorvavam a sua acção. Accresce que não tratou Cugnot dos meios de substituir a agua á medida que ella se desfazia em vapôr, e assim ao cabo de um quarto de hora todo o movimento cessava: era preciso encher de novo a caldeira, e a marcha da carroagem só se restabelecia quando o vapôr tinha adquirido sufficiente tensão. Esta circumstancia bastava para obstar a que tivesse applicação. Não podem, pois, citar-se sem desfavor os trabalhos de Cugnot. Não basta na industria ou nas artes lançar-se a um problema que está para resolver; é mister saber, antes de entrar com elle, se a sciencia ministra os meios de triumphar das difficuldades que appresenta. Quando o estado de imperfeição dos methodos de que a industria dispõe tornam manifestamente irrealisavel um projecto, é signal de pseudo-talento perseverar nelle. Quando Cugnot emprehendeu as suas tentativas, a maquina a vapôr era usada na industria havia sessenta annos. Lembrára a muitos mechanicos applicar tão poderoso motor á marcha dos vehiculos; mas, depois de maduro exame, tinha-se reconhecido inexequivel similhante projecto.

Uma tentativa abortada perjudica sempre o futuro de uma idéa scientifica. O máu effeito que produziu o revez de Cugnot retardou notavelmente o descobrimento da locomoção por vapor, desviando de estudal-a os que se davam á mechanica: trinta annos decorreram em que se abandonaram totalmente as investigações sobre este assumpto, só poude outra vez convidar a attenção para este problema o invento das maquinas de alta pressão, em rasão das facilidades evidentes que para a solução offerecia.

A primeira idéa das maquinas de alta pressão foi emittida por Leupoldo pelos annos de 1725. Na sua celebre collecção o physico alemão descreve duas maquinas que trabalham mediante a acção do fogo, proprias para elevar as aguas, e que não são mais do que maquinas de alta pressão: a primeira que annuncia com este titulo — dupla maquina de fogo para elevar a agua por expansão, segundo o processo de Papin — parece-se muito á segunda maquina de vapor do physico de Blois. A exemplo de Savery e de Papin, Leupoldo serve-se da pressão do vapor para elevar a agua n'um deposito e fazel-a cahir dahi nos cubos de uma roda hydraulica. A sua segunda maquina não é dedicada a comprimir uma columna de agua; mas, sim, como a de Newcomen, a mover a vara de uma bomba que levanta a agua. É uma verdadeira maquina de alta pressão; uma torneira de quatro boccas serve para introduzir o vapor em dois cylindros collocados um perto do outro, e para o despejar depois livremente no ar. A Leupoldo cabe pois a honra do descobrimento do principio theorico da maquina de alta pressão: contemporaneo de Papin, de Savery, e de Newcomen, tivera occasião de estudar as suas maquinas, e é seu o merito de indicar, logo na apparição das primeiras deste genero, um novo modo do emprego do vapor, que mais tarde devia figurar tão grandemente na industria.

Todavia o principio descoberto por Leupoldo passou sem excitar a attenção; perdidos ficaram na sua volumosa collecção os projectos de maquinas. Cumpre accrescer que fôra impossivel naquella epocha pôr em pratica as idéas do physico

alemão, em consequencia da natureza do metal de que se usava na construcção das caldeiras; a abobada das que empregava Newcomen era de ordinario de chumbo, e as partes inferiores de cobre; a presença de um metal tão fusivel e de tão pouca resistencia como o chumbo não permittiria communicar sem perigo ao vapor tensões consideraveis.

Na serie de suas bellas investigações, James Watt não deixou de reconhecer a importancia que poderiam ter no emprego mechanico do vapor os meios propostos por Leupoldo. O celebre constructor falla, n'um de seus documentos, do seu projecto de construir maquinas em que o vapor seria deitado fóra depois de ter produzido o seu effeito; comtudo nenhuma fabricou fundada neste principio.

A honra de ter construido e propagado na industria as maquinas de alta pressão pertence ao americano Oliveiros Evans, homem dotado de notavel genio mechanico e que os seus compatriotas por muito tempo não avaliaram devidamente.

Evans dirigiu pela primeira vez sua attenção aos effeitos do vapor em consequencia de um brinco familiar aos habitantes do seu paiz. Os filhos da America divertem-se em tapar o ouvido de um cano de espingarda, vasam uma pouca de agua no mesmo canal e atacam fortemente com uma buxa. Expondo-se a culatra á acção de um fogo de forja, afinal a cavilha é expellida com violenta detonação: da-se a este jogo, que não é mais do que a supposta experiencia do marquez de Worcester, o nome de bombas do Natal.

Em 2 de dezembro de 1773, Evans, de edade então de 18 annos, simples carpinteiro de carros em Philadelphia, soube de um de seus irmãos, que recolhia de um serão d'aldêa, os effeitos das dictas bombas. Fez-lhe muita impressão no animo, e como havia muito reflectia nos meios de descobrir alguma força motriz que não fosse o vento, ou molas, ou cavallos, a sua imaginação novel inflammou-se com a idéa de crear um motor novo com o vapor da agua, cuja acção lhe era até alli desconhecida: todavia não tardou que soubesse que os mechanicos já haviam aproveitado esta força motriz. A descripção de uma velha maquina atmospherica, que lhe veiu á mão, e a leitura de algumas obras incompletas sobre as maquinas de condensador, o pozeram ao corrente do estado da sciencia nesta questão. Admirou-se com rasão de que se tivesse sómente empregado para fazer o vacuo um agente cuja potencia lhe parecia illimitada, e applicou-se a combinar maquinas novas em as quaes o vapor obrava só pela elasticidade, e se perdia no ar depois de haver exercido a sua pressão. Construiu diversos modelos deste novo genero em que o vapor obrava até a tensão de dez atmospheras.

Foi pela applicação das suas idéas sobre a alta pressão que Oliveiros Evans imaginou em 1782 esses admiraveis moinhos de farinha movidos por vapor, de que os Estados-Unidos colheram e ainda colhem tamanhos serviços. Tratou pouco depois de construir, segundo os mesmos principios, uma carroagem caminhando por effeito de vapor. Em 1786 requereu á legislatura do estado da Pensylvania dois privilegios pelos moinhos de farinha e por uma carroagem a vapor. O primeiro pedido foi bem acolhido, mas a mesquinha camara da Pensylvania não comprehendeu o segundo, e não podendo decidir-se a tomar a serio o projecto de um carro que caminhasse sem cavallos, nem sequer o mencionou em seu relatorio. — « Aqui para nós (diziam os membros da commissão) ao bom do Oliveiros não regula a cabeça. » — Insistiu novamente dahi a dez annos; porém, melhor inspirado dirigiu-se á legislatura de Maryland; o parlamento deste estado cedeu ás suas sollicitações; e foi-lhe concedido em 21 de maio de 1797 um privilegio para a construcção de carros a vapor, não sem a expressão bem clara de duvida: — « visto (dizia o relatorio) ser coisa que a ninguem póde prejudicar. »

Esta approvação equivoca não podia animar os capitalistas a entrar na empreza de Oliveiros Evans, todas as bolsas se fecharam ao presumido sonho de carroagens sem cavallos. Tão mal acolhido de seus compatricios, Evans decidiu-se a mandar a Londres os planos da sua maquina e dos diversos meios que contava pôr em pratica. Desejava achar em Inglaterra algum capitalista que conviesse em tirar um diploma de invenção, repartindo com esse os lucros da especulação; porém, responderam-lhe de Londres que ninguem dava credito ás suas idéas.

Pelos annos de 1800 Oliveiros Evans tendo ajuntado uma pequena quantia, determinou-se a começar á sua custa a construcção da sua carroagem movida por vapor. Fallava-se muito em Philadelphia da nova maquina, mas era para ridiculisal-a, e a maior parte das pessoas instruidas que visitavam a sua officina taxavam abertamente de loucura o seu projecto. Um engenheiro

que gosava certa reputação quiz dar a esta censura publica a sancção scientifica, e n'uma memoria que appresentou á sociedade philosophica de Philadelphia tentou provar que era impossivel rodar uma carroagem pela acção do vapor. A sociedade, felizmente para o seu credito futuro, não deixou imprimir esta asserção e riscou a parte onde era enunciada — « visto que (disse com muito bom juiso) não se póde marcar limites ao possivel. »

Com muita satisfação publicamos o seguinte interessante artigo mandado do Brazil.

Em o nosso paiz ergue-se de quando em vez desabrida perseguição contra uma das mais distinctas classes da sociedade. Depois de 1831 manifestou-se crua guerra contra os militares, apontando-os como revolucionarios e anarchistas, pelo que foram privados de accessos por longos annos. Em seguida coube aos religiosos claustraes igual sorte, soffreram a desapropriação dos seus bens, foram obrigados á evacuarem os seus conventos, e por ultimo extinguiram-se algumas das suas ordens. Chegou emfim a occasião de ser a classe dos bachareis formados o alvo da mesma injusta perseguição; ora o seu numero é excessivo' ora se lhe attribue a origem de todas as revoluções, e de todos os males do Brasil, em summa, não escapa pecha ou defeito, que se lhe não lance! Quando cessar esse delirio e triumphar a rasão, tão nobre classe reassumirá a importancia que lhe é devida, o tem sido roubada por mãos grosseiras, como succedeu áquellas outras, que já sahiram do ostracismo e que haviam sido condemnadas. O mappa estatistico dos bachareis formados pelas duas academias demonstra com toda evidencia, que o numero não se póde considerar excessivo, visto como tendo-se apenas formado 1,324 em 20 annos, desde a inauguração das academiss em 1831 até 1851, deduzindo-se 84 fallecidos, restam 1,240, dos quaes 750 estão occupados em diversas posições, e apenas ficam 26 para cada provincia, os quaes se devem reputar applicados á advocacia, e a outros misteres; por conseguinte esse numero é insufficiente para as necessidades do paiz, naquella profissão, o que aliás não se torna mais sensivel, porque elle avulta agglomerado nas capitaes, ao passo que na totalidade das comarcas não se encontra um só bacharel para fazer o mais simples requerimento, em rasão da falta de segurança individual, e absoluta privação das commodidades da vida que offerecem lugares tão inhospitos. Entretanto os poderes do estado tem procurado referir os bachareis formados para diversos empregos, como de officiaes maiores dos tribunaes do commercio, pelo artigo 13 do decreto n.° 738 de 25 de novembro de 1850, de addidos, e secretarios de legação pelo artigo 3 da lei n.° 614 de 22 de agosto de 1851, etc., sem duvida por depositarem nelles maior confiança, visto como pela variedade de conhecimentos representam ser uma das classes da sociedade mais illustrada, e ao mesmo tempo dotada da precisa moralidade e civilisação.

A divisão judiciaria do imperio é a seguinte de 1852 á 1853.
Supremo tribunal de justiça 18 membros.
Relação do Rio 26.
» da Bahia 15.
» de Pernambuco 15.
» do Maranhão 15.
Desembargadores 71.

Pará	9	*J. de direito*	1	*J. de orfãos*	12	*J. municipaes*	6	*Promotores.*
Maranhão	11	»	1	»	11	»	9	»
Piauhy	6	»		»	7	»	6	»
Ceará	11	»		»	11	»	7	»
Rio Grande do Norte	3	»		»	5	»	3	»
Parahyba	4	»		»	7	»	3	»
Pernambuco	15	»	1	»	19	»	14	»
Alagoas	6	»		»	6	»	5	»
Sergype	4	»		»	9	»	4	»
Bahia	21	»	2	»	20	»	17	»
Espirito Santo	2	»		»	3	»	2	»
Rio de Janeiro	14	»	2	»	23	»	9	»
S. Paulo	8	»	1	»	27	»	7	»
Minas Geraes	14	»		»	36	»	13	»
Goyaz	7	»		»	6	»	7	»
Mato Grosso	2	«		»	3	»	2	»
Santa Catharina	2	»		»	3	»	2	»
Rio Grande do Sul	8	»		»	18	»	5	»
Total	147	»	8	»	226	»	121	»

Toda essa magistratura custa aos cofres publicos 240:000$000 réis.

As differenças que se podem notar, a respeito do respectivo numero desses magistrados, desapparecem, attendendo-se ao que dispõe o artigo 115 da lei de 3 de dezembro de 1841, e artigos 31, e 213 do regulamento de 31 de janeiro de 1842.

Outro sim dos desembargadores 7 são naturaes de Pernambuco.
» juizes de direito 24 são naturaes de Pernambuco.
» encarregados de negocios todos 3 são naturaes de Pernambuco.
» chantre é natural de Pernambuco.
» commendadores e officiaes de diversas ordens 8 são naturaes de Pernambuco.
» fidalgos cavalleiros 2 são naturaes de Pernambuco.
» presidentes 9 são naturaes de Pernambuco.
» chefes de policia 6 são naturaes de Pernambuco.
» tabelliães 1 é natural de Pernambuco.
» lentes 4 são naturaes de Pernambuco.
» professores de bellas letras 13 são naturaes de Pernambuco.
» inspectores de thesouraria provincial 1 é natural de Pernambuco.
» secretarios de presidencias 6 são naturaes de Pernambuco.
» officiaes maiores da secretaria do governo 1 é natural de Pernambuco.

MAPPA ESTATISTICO DOS BACHAREIS FORMADOS PELAS ACADEMIAS JURIDICAS DE OLINDA E S. PAULO DESDE A SEA INAUGURAÇÃO EM 11 DE AGOSTO DE 1831 ATÉ 1851.

ANNOS	Academia de Olinda	Academia de S. Paulo	*Naturalidades dos bachareis formados nas academias de Olinda e S. Paulo*	Olinda	S Paulo
1831	0	6	Pará	20	1
1832	41	35	Maranhão	48	5
1833	41	57	Piauhy	18	2
1834	69	78	Ceará	52	4
1835	59	41	Rio Grande do Norte	17	—
1836	39	36	Parahyba	60	—
1837	56	33	Pernambuco	282	5
1838	22	21	Alagôas	33	4
1839	58	16	Sergype	12	1
1840	37	8	Bahia	223	49
1841	21	9	Espirito Santo	—	3
1842	27	9	Rio de Janeiro	44	137
1843	23	13	S. Paulo	3	113
1844	33	10	Minas	6	76
1845	28	15	Goyaz	3	7
1846	20	11	Matto Grosso	1	7
1847	26	9	Santa Catharina	—	7
1848	47	25	Rio Grande do Sul	7	40
1849	66	14	Portugal	9	13
1850	49	29	Angola	1	3
1851	79	8	Cisplatina	1	2
			França	1	4
Somma	841	483	Somma	841	483
Total	1324		Total	1324	

Tomaram o grau de doutor na academia de Olinda e na de S. Paulo	Olinda	S. Paulo
Piauhy	1	—
Ceará	1	—
Parahyba	2	—
Pernambuco	2	—
Bahia	3	6
Rio de Janeiro	1	10
S. Paulo	—	13
Goyaz	—	1
Rio Grande do Sul	—	1
Portugal	1	1
Angola	—	1
Cisplatina	—	1
	17	34
Total	51	

TEM SIDO NOMEADOS:

	Desembargadores	Juizes de direito	Procuradores fiscaes da fazenda	Ajudantes dos procuradores fiscaes da fazenda	Procuradores fiscaes das thesourarias provinciaes	Auditor da marinha	Auditor de guerra	Advogado do conselho de estado	Ministros de estado	Ministro plenipotenciario	Encarregados de negocios	Addidos da legação	Bispo	Deão	Chantre	Capellão da capella imperial	Senadores	Deputados	Grão-cruz	Dignitarios	Commendadores ou officiaes de diversas ordens	Titulo do conselho além dos ministros d'estado	Fidalgos cavalleiros	Moços fidalgos	Presidentes	Chefes de policia	Tabelliães	Lentes	Professores de bellas letras, etc.	Inspectores d'Alfandegas	Inspectores de thesourarias geraes	Inspectores de thesourarias provinciaes	Secretarios de presidencias	Secretario do supremo tribunal de justiça	Official da secretaria do imperio	Officiaes de secretaria do ministerio da justiça	Officiaes de secretaria ea fazenda	Officiaes da camara dos deputados	Officiaes maiores de secretarias do governo	Officiaes maiores dos tribunaes do commercio	Secretario da academia	Bibliothecario
Academia juridica de Olinda	13	103	10		9			1	2	1	3	3		1	1	1	2	69	1		30		4	3	33	24	2	9	24	2	2	4	10		1	3	1	1	3	3		1
Academia juridica de S. Paulo...	12	78	7	1	11	1	1	1	5	1			1				2	71		2	50	4			33			13	10				6	1		1	1			1	1	
Somma....	15	181	10	1	20	1	1	2	7	2	3	3	1	1	1	1	4	140	1	2	6	4	4	3	66	24	2	22	34	2	2	4	16	7	1	4	2	1	3	4	1	1

TOTAL 689

Consta serem fallecidos— bachareis formados pela academia juridica de Olinda 51

Ditos ditos ditos de S. Paulo 33 84

Sendo 22 naturaes de Pernambuco.

773

750 bachareis formados pelas duas academias do imperio occupam actualmente os seguintes empregos.

a	24	Desembargadores.			4	Bibliothecario d'academia de S. Paulo.	
b	147	Juizes de direito.			10	Secretarios presidencias.	
	3	» dos feitos.	r		3	Officiaes maiores dos tribunaes do commercio.	
c	8	» de orphãos.	s		1	» da secretaria da presidencia.	
	226	» municipaes.			1	» da secretaria do ministerio da justiça.	
	121	Promotores publicos.			2	» da fazenda.	
d	8	Curadores geraes de orphãos.			1	» do imperio.	
e	17	Chefes de policia.			1	» da camara dos deputados.	
f	1	Auditor de marinha.			1	Secretario do supremo tribunal de justiça.	
	1	» de guerra.			2	Tabelliães.	
g	19	Procuradores fiscaes da fazenda.			2	Inspectores d'alfandegas.	
h	1	Ajudante do mesmo na côrte.			2	» das thesourarias geraes.	
i	9	Procuradores das thesourarias provinciaes.			4	» provincias.	
j	1	Advogado do conselho de estado.					

			k		1	Bispo.	
					1	Chantre.	
					1	Capellão da capella imperial.	
					2	Ministros plenipotenciarios.	
			l		2	Encarregados de negocios.	
					2	Addidos á legação de Londres.	
			m		3	Senadores.	
			n		2	Ministros de estado.	
			o		55	Deputados.	
			p		9	Presidentes de provincia.	
			q		20	Lentes.	
					34	Professores de bellas letras.	
					1	Secretario d'academia de Olinda.	
						750 Além de outros, que occupam diversos empregos de commissão.	

OBSERVAÇÕES.

(a) Sendo fallecido um desembargador, apenas existem os 24 que vão mencionados.

(b) Dos bachareis formados pelas duas academias, teem sido nomeados 181 juizes de direito, mas só vão mencionados 147; porque esse numero é fixado pela divisão judiciaria do imperio, como se observa da tabella abaixo transcripta, sendo que do restante alguns assumiram a posição de desembargadores, tres falleceram, e outros acham-se sem comarcas, a maneira de bispos sem dioceses, ou *in partibus infidelium*, em rasão do jogo das remoções. O decreto n.º 687, de 26 de julho de 1850 perece assegurar a sorte desses verdadeiros magistrados, por serem os unicos instituidos pela const. do imperio art. 153.

(c) Pela lei de 3 de dezembro de 1841 art. 117, foram creados 8 juizes de orphãos especiaes, como se vê da divisão judiciaria.

(d) A existencia do emprego de curador geral de orphãos ha bem pouco tempo era muito contestada, e apenas o decreto n.º 834 de 2 de julho de 1851 art. 6, e seguintes o menciona.

(e) Sendo 19 as provincias, apenas 17 chefes de policia são bachareis formados pelas duas academias do imperio, e os que faltam para completar o numero dos 24 acima indicados, servirão esse emprego em outras occasiões.

(f) Os auditorios de guerra e marinha especiaes existem na côrte.

(g) Ha 17 procuradores fiscaes da fazenda nas provincias, 1 em Nictheroy, e 1 na côrte, sendo dois não formados.

(h) Existe esse emprego de ajudante do procurador da fazenda na côrte, sendo creado pela lei de 29 de novembro de 1841 art. 16 § 1.

(i) Dos 20 bachareis formados pelas duas academias, que menciona o mappa terem sido nomeados procuradores fiscaes das thesourarias provinciaes, apenas 9 agora exercem esse emprego.

(j) São dois os advogados do conselho de estado, bachareis formados pelas academias do imperio, mas actualmente só exerce nm, por ter sido o outro despachado ministro plenipotenciario para os Estados-Unidos.

(k) Não se menciona nesta tabella o deão, porque elle accumula o emprego de lente, em cujo numero foi incluido.

(l) Estão mencionados tres encarregados de negocios, mas só se contam dois, porque um não segue mais essa carreira.

(m) Quatro bachareis formados pelas academias foram nomeados senadores do imperio, mas tendo fallecido um, só restam tres.

(n) Dos sete bachareis formados pelas academias do imperio, só dois occupam esse logar actualmente.

(o) 55 deputados actualmente existem bachareis formados pelas academias do imperio, tendo sido aliás 140 nomeados em diversas epochas.

(p) Dentro 66 presidentes, que teem havido, bachareis pelas duas academias, só existem actualmente 9.

(q) Sendo 22 os lentes formados pelas academias, só se mencionam 20, porque dois occupam emprego diverso.

(r e s) Estão mencionados no mappa 4 officiaes-

maiores dos tribunaes do commercio, sendo sómente tres, assim como tres da presidencia, existindo aliás um, porque um daquelle numero, e dois deste, foram demittidos.

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XXXIV.

AO LUAR.

(Continuado de pag. 199.)

Quando a commoção mais forte asserenou, a donzella, vermelha como uma rosa, e assustada, arrancou-se aos braços que a sustinham, e com os olhos baixos e quasi lacrimosos, e as mãos cruzadas sobre o seio, em um gesto de ineffavel pudor, disse com voz tremula, mas irritada:

— « João, um irmão não faz isto a sua irmã! »

— « Perdoa; não foi... »

— « Vim aqui fiada na tua palavra; certa de que para me defender tinha a honra de um cavalheiro... Sou mulher, sou timida, e estou só; peço soccorro ao respeito e á fé que me juraste!... Se as esqueceres é porque não me amas; e ha uma cousa a que não hei de sobreviver, é ao desprezo. »

Estas palavras ditas em tom severo, e cheias de dignidade triste, obrigaram o mancebo a pôr o joelho em terra, e tirando a espada, a offerecer-lha pelo punho, dizendo com os olhos baixos, e o rubor nas faces:

— « Se um desejo vil, se a sombra mesmo de um ultrage me despontasse no coração... tinha esta espada para o punir antes que me deshonrasse. Entrego-ta, ella que te guarde, já que a minha palavra te parece pouco. »

Neste momento um ruido nas folhas, que as fez agitar, caíndo algumas, sentiu-se por traz delles no mirante. A lua tinha-se cuberto, minutos antes, e a escuridade era completa.

— « Escuta! » disse ella apurando o ouvido assustada. « Este rumor? Seriam passos? »

— « Não! Alguma coisa que passou; o vento que boliu nas arvores. »

— « Não sei, tenho medo. »

— « Ao pé de mim? » disse elle em tom de queixa.

— « Ah, João, foi mal feito, não devia ser!... A uma menina envergonhal-a assim!... E eu ainda fiquei aqui! »

— « Perdoa uma loucura... que será a ultima. Juras, se me amas, que farás o que eu pedir?.. »

— « Juramentos? Se me pedes a alma e o coração, são teus, não t'os dei já? »

— « Juras, que no dia, em que eu, com esta promessa, vier offerecer-te a mão e chamar-te esposa, me seguirás quem quer que eu seja, para onde quer que eu vá? »

Ella hesitou; e as folhas á roda tornaram a mexer.

— « Não sentiste? » accudiu Cecilia tremula. « O vento não foi. »

— « Foi a minha capa, roçando, que te assustou. Juras? »

— « Meu Deus! » exclamou a educanda unindo as mãos com anciedade.

— « Não me amas! » disse elle com amargura. Se me pedisses uma prova como esta, cuidas que pensava um instante para responder? »

— « Mas quem és, porque me occultas?... » insistiu a pobre menina quasi delirante.

— « Se amasses, não amavas pelo que posso ser, querias-me pelo que sou » redarguiu o mancebo crusando os braços com amargura.

— « Sabes que não! Mas este segredo que tu me escondes?... »

— « Já me déste o direito de t'o revelar? Pedi-te que no dia em que viesse e te chamasse a companheira da minha vida, me recebesses quem quer que eu fosse, para onde quer que te levasse! O que respondeste? A quem amavas? Se fosse a mim... »

— « Ingrato! » murmurou ella.

— « Se fosse a mim » proseguiu D. João no mesmo tom « seguias o coração. »

— « Que me occulta... »

— « Que está prompto a dizer tudo, com tanto que o não enganem. »

Houve um momento de silencio doloroso. Cecilia com a fronte pendida e o seio arquejante, callava-se. O mancebo, abatido, sombrio, e mudo, aguardava. Passados poucos minutos assim, ajoelhou, e comovido, pondo a bocca tremula sobre a mão della, que tremia mais; exclamou:

— « Era uma illusão bem doce... Era um sonho tão bello!... E acordar agora só; perdello assim; e não morrer aqui! A dor não mata!... Pelo nosso amor, por toda a ternura que me juraste!... Basta! Disse de mais a quem me não escuta, senhora » acrescentou erguendo-se, e

cortejando-a friamente « possa o verdadeiro amor de outro homem mais feliz fazer a ventura de um coração, que eu não soube, que eu não era digno de possuir. Adeus! » E soffocado, vacillante, e com a vista a fugir-lhe dos olhos deu alguns passos direito á porta da saída. Cecilia não se movia; mas dentro d'alma a lucta era medonha. « Adeus! » tornou elle voltando-se com um suspiro que era um gemido.

Já a mão virava a chave, já a porta se entre'abria, quando a educanda, de um impeto, veio cair-lhe nos braços, quasi chorando mais do que proferindo estas palavras.

— « Não; não ha de ser! Irei se me chamares. Mendigo ou nobre, cavalheiro ou mechanico, a minha vida é para sempre a tua. »

Apesar do extasis, em que esta promessa o veio lançar, e da perturbação em que ficaram ambos, pareceu-lhes que uma especie de rugido concentrado correspondia ao grito de jubilo de D. João. Suspensos escutaram, comprimindo a respiração, mas o silencio era completo. Em roda, as trevas não deixavam aperceber o menor vulto.

— « E agora, dirme-has o teu segredo? » accudiu ella com meiguice.

— « Diante de Deus, que nos ouve, protesto revelar-to dento de dois dias. Até lá confiarás em mim? »

— « Não vês que amo? Mas porque não mo dizes já? » insistiu ella pensativa.

— « Porque para o dizer... »

— « Era preciso inventar mais uma falsidade! » interrompeu uma voz, que parecia vir dentre as folhas de um maciço proximo da porta ao pé da qual estavam.

— « Oh agora!... » gritou o mancebo, cujos olhos faiscaram « agora quem quer que seja!... » e tirou a espada.

Do meio da escuridão brilhou outro ferro que tiniu, tocando no seu, e fazendo-o inclinar.

Cecilia deu um grito agudo, e fez-se branca. O seu primeiro movimento foi correr a separar os dois; o segundo suster pelo braço a D. João, não o deixando adiantar.

O pasmo e o assombro do subito encontro quasi que tambem paralisaram este. A mão do mancebo largou a chave, e a porta do jardim abriu-se toda. A espada ameaçou o desconhecido, em quanto os olhos ardendo em ira o procuravam na obscuridade. A pouco e pouco a figura do seu contrario saíu mais da sombra.

— « Não me esperavam? » disse elle em um tom, em que a ironia predominava. « Se não fosse um resto de compaixão por... ambos tinha saído; não os interrompia. Mas vendo-os enganados um e outro, e sem saberem que se estavam a illudir... »

— « Basta! » clamou D. João estremecendo de zelos e de raiva. De que servem palavras, quando temos espadas? Em guarda! »

— « Jeronymo! É Jeronymo! » murmurou Cecilia desfalecendo e pondo as mãos com um gesto supplicante.

— « Tudo tem o seu logar! » replicou o capitão friamente. « Esta senhora sabe... »

— « Eu, Jeronymo? » accudiu Cecilia em voz fraca e levando as mãos ao rosto.

— « Que não somos tão estranhos, que me não conhecesse logo, apezar da escuridão da noite; e que eu não seja capaz de dizer quem ella é, mesmo sem lhe vêr o rosto. Temos passado tantos annos juntos! » accrescentou amargamente.

Donde estava Jeronymo não podia na realidade descubrir o semblante da donzella, que atraz de D. João sentia uma dôr cruel a cada palavra, com que elle lhe rasgava o coração. A pobre menina ainda não percebêra que o amante de Theresa a tomava por sua irmã; confusa, e tremula, julgava que o cuidado da sua honra, e a amizade da infancia tinham trazido o capitão; e a sua idéa, a sua maior apprehensão consistia na maneira de o convencer da pureza e innocencia do seu amor.

D. João, entretanto mordia os beiços cheio de ciumes e de cholera. Não podia perceber como aquelle homem alli viera, nem que dominio era o seu sobre Cecilia para a fazer convulsa, e humilde, como se estivesse em presença do seu juiz. Parecia-lhe evidente, que o desconhecido pertencia á casa, e hesitava por isso em levantar o braço antes de se desenganar. O silencio, em que todos se conservaram alguns instantes, foi terrivel; e cada minuto assim accummulava seculos de odio e de agonia no peito do mancebo.

— « Estou esperando! » exclamou batendo o pé, e com a voz rouca da oppressão.

— « Socegue! antes de saír havemos de conhecer-nos bem!... » Procurando depois disfarçar o tremor, que lhe agitava a voz, proseguiu: « se percebi bem, esta senhora, ha pouco, disse-lhe que o amava? »

— « Se ouviu não precisa de resposta! » accudiu D. João com altivez. « Os espiões... »

— « Logo tractaremos disso. » redarguiu Je-

ronymo sem se alterar. « Vejamos! Ella ama-o, assegura-lh'o? »

— « Bem ouviu! » respondeu o mancebo com um sorriso e uma inflexão pungente.

— « Ouvi! E o seu silencio agora ainda o confirma » continuou o amante de Theresa com acento doloroso. « E acredita-a; crê nas suas promessas? »

— « Como em Deus! »

— « Tenho pena!... Porque são falsas. »

— « Jeronymo! » disse a educanda soffocada, erguendo as mãos.

— « Falsas... como as que me fez a mim. »

— « Eu? » gritou ella recuando absorta.

— « E com a mesma voz e a mesma commoção!... » insistiu com ironia. « Apesar disto ainda a acredita? » tornou voltando-se para D. João.

— « Agora mais de que nunca. »

— « Fez mal; porque o enganou. Ainda esta manhã disse a outro homem que não tinha amor, e se viesse a tel-o que seria, para o fazer feliz. »

D. João empallideceu; Cecilia soltou um gemido, exclamando com doloroso assombro.

— « Eu? Nunca! »

— « Sim! proferiu Jeronymo, desviando o rosto do sitio, donde a apercebia confusamente na escuridão. Bem vê; se o amava zombou desse homem, que sem uma queixa lhe rogara que o deixasse ir morrer. Se não o amava, tambem, enganou os dois, rindo da sua... ia a dizer loucura; rindo da verdadeira paixão que tem — eis a verdade. »

O mancebo não proferiu uma palavra; mas as lagrimas rebentaram-lhe pelos olhos, e em soluço alto, mal contido, revelou a sua magoa.

— « Não se envergonhe! — acudiu o capitão com tristeza. — Eu tambem chorei e mais devia ser forte, devia esperar o que succedeu. Ha umas poucas de horas que sabia tudo por um escripto seu, que ella deixou perder. Assim mesmo, não tendo animo já para o aguardar de longe, quando me aproximei, e alli occulto ouvi aquella voz que Deus fez tão suave, como uma tentação; quando lhe jurou... e jurou falso porque é um coração que não crê e nem sente, quando jurou... eu que a amei, e sou tão fraco que ainda a adoro, escutei-a e não morri. Cada palavra me atravessava o peito como um punhal; cada promessa me tirava uma esperança, e me causava uma dor nova! E não acabei como desejava, como pedia a Deus... Chorei! Chorei como uma creança, como uma mulher! E veja agora, o meu orgulho não me deixa limpar as lagrimas. »

Apezar do ciume, que o abrazava, D. João teve dó da inconsolavel agonia, que estas palavras confessavam. Erguendo a cabeça, e respondendo-lhe, havia na sua voz menos arrogancia, do que pezar.

— « Se choro é de raiva! » disse elle.

— « Não se engane, chora de amor, como eu. Amava-a e illudiu-o! Ahi tem porque o coração se funde e não póde com a pena. »

— « Jeronymo, — atalhou Cecilia erguendo a fronte com um gesto admiravel de magoa e de altivez repentina. — Eu tambem não choro! O desprezo seccou-me as lagrimas. Não sei porque me persegue, e me calumnia, nunca lhe fiz mal; mas Deus ha de castigal-o um dia pela deshonra de sua irmã, de sua segunda irmã que infama sem motivo. »

— « Minha irmã? « clamou elle com fogo. » É verdade — accrescentou tornando á ironia — era o nome que me deu para me trahir, para zombar de um coração que desde que sente... »

— « Jeronymo, Jeronymo! Essas palavras não pódem ser comigo. Chegue-se, veja bem... Ha um engano... »

— « Não! gritou elle repellindo com a mão de longe o movimento, que a educanda fazia para se aproximar. « Se a visse... não podia resistir. Sabe em que estive pensando, em quanto a ouvi occulta? Na alegria de não acabar só; de não levar a certeza de que outro era feliz com a minha morte. Ha momentos, em que me sinto capaz de lhe arrancar a vida, com os olhos cheios de lagrimas; e o coração cheio de ternura. Tenho medo do ciume. Não me tente! »

— « João, diante de Deus te juro, que Jeronymo se engana, eu nunca o amei, nem elle a mim! » exclamou a donzella unindo as mãos, e deixando correr o pranto.

— « Meu amor dizia o mancebo afagando-a com a doçura da vista e com a voz, obrigado pelas tuas palavras! Precisava ouvir-te para não enlouquecer... »

— « Tem rasão, senhor, agora só as armas! — acudiu o capitão depois de ter escutado a donzella. Tenho pressa de encontrar uma espada. »

— « João! » gritou Cecilia chorosa e querendo prendel-o com os braços.

— « Como ella o ama! — murmurou Jeronymo estremecendo. E para mim só odio, só indifferença!... E hei de morrer só? »

— « João pelo amor... insistia a educanda, este combate não póde ser. Vê; é meu segundo

irmão. Elle hade ouvir-me; eu desfarei o seu engano — porque é engano... »

— « Estou esperando, senhor! » disse o capitão levantando a voz impaciente. É que apezar da força da sua alma, o coração espedaçava-se, vendo-a quasi nos braços d'outro, e escutando os transportes da sua ternura.

— « Bem vês! » — insistia D. João. « Este combate não poderia ser n'outra parte? » accrescentou dirigindo-se a Jeronymo.

— « Não, João, que só um de nós havia de sahir d'aqui. Se ella padece e chora, eu não soffri e chorei ouvindo-a? » redarguiu com profunda commoção.

— « Basta; agora eu é que tenho pressa. » Atalhou o mancebo, desenlaçando-se com esforço dos braços de Cecilia, e correndo para elle. A donzella seguiu-o; e cega, desvairada, metteu-se entre os ferros, já acruzados, descubrindo o peito, e querendo-os separar.

— « Não póde ser! ouçam-me! » gritava.

Neste momento a nuvem que encubria a lua rasgou-se e o clarão do astro da noite veiu allumiar uma scena dolorosa. Cecilia abria os braços e com um gemido em que a dor e a queixa se fundiam, curva sobre o joelho, desfallecia, e levando a mão ao peito suspirava.

— « Feriste-me, Jeronymo! » Mas os olhos do capitão, antes destas palavras lhe chegarem, tinham encontrado o rosto do mancebo. Vendo-o, recuou, fez-se branco, e baixando a ponta da espada deu um grito. Depois, conglobando na voz toda a desesperação da alma, exclamou:

— « Eu devia perceber! Não era amor, era... Meu Deus! Theresa, disse soluçando, agora vejo, agora sei. Mentias, trahiste, porque vendeste o coração e a honra a sua alteza real o principe D. João!

L. A. REBELLO DA SILVA.

(Continúa.)

NOTICIAS E COMMERCIO.

Navegação dos rios Urugnay e Paraguay. — Acaba de verificar-se um successo no mundo mercantil que abre uma perspectiva immensa ao espirito de especulação e de empreza tão desenvolvido no seculo em que vivemos. A navegação dos rios Uruguay e Paraguay, que o dictador Rosas conservára fechada a despeito dos verdadeiros interesses geraes dos paizes regados pelas sobreditas caudalosas correntes, desde agora fica patente a todas as nações. Deste modo uma das regiões mais opulentas em productos preciosos poem-se em communicação com os grandes mercados da Europa, e pagará com os excellentes fructos do seu terreno as fazendas de que carece e que os usos da vida civilisada tornam necessarias.

Por espaço de muitos annos esteve o Paraguay separado do restante do genero humano. No austero regimen do doutor Francia, nenhum habitante do paiz podia sahir dos limites do mesmo, nenhum estrangeiro podia entrar nelles sem ficar prisioneiro por toda a vida. Todas as necessidades do consumo eram satisfeitas pelas producções do territorio, duas das quaes, o algodão e o tabaco, dam-se alli com profusão. Postoque depois da morte do primeiro dictador se afrouxou consideravelmente aquelle systema de rigor, durava a incommunicabilidade, e mais duraria se Rosas ainda dominasse persistindo em manter fechada a embocadura daquelle rio no da Prata.

Os paraguayos, privados por tanto tempo da venda de seus fructos e da compra dos estranhos, anhelavam entrar no ambito do mundo commercial, e é mais que provavel que se lancem com ardor nesta carreira, aproveitando todas as vantagens que lhes offerece seu clima e territorio.

Já mencionamos o algodão, planta que prospera alli de um modo admiravel, cujo fio servia para a unica roupa que era permittido usar no tempo da dictadura. Os inglezes a quem já não bastam as colheitas dos Estados-Unidos, não deixarão de lançar os olhos para este novo mercado. Nem as Antilhas, nem a India Oriental, que era donde procuravam tirar os supprimentos dessa preciosa materia prima, offerecem tantas commodidades como o Paraguay. Os confluentes do rio deste nome, que rega uma grande parte das fronteiras da republica, chegam até proximo das duas provincias de Majos e Chiquitos, onde o algodão nasce espontaneamente, e cobre vastas planicies, cujos limites são desconhecidos.

Pelo Picolomayo, que desagua no Paraguay, a navegação póde penetrar até o interior da Bolivia, onde mal se conhecem as manufacturas da Europa, por causa da grande distancia que a separa dos portos do mar Pacifico. Além do algodão e do tabaco, o assucar, o café, o cacao, n'uma palavra todos os productos equatoriaes prosperam no Paraguay e nas regiões visinhas. Todas as correntes que atravessam aquelle paiz descendo dos Andes para o Atlantico são auriferas; só faltam braços e capitaes, justamente o que sobra na Europa. Não tardará, pois, que nos conste a iniciativa de vastas emprezas destinadas a espargir vida e movimento em districtos onde até agora a natureza tem vertido debalde seus preciosos thesouros.

Parece-nos tambem fóra de duvida que nestas fertei s regiões se abre novo e vantajoso mercado para os nossos vinhos, especialmente dos que se exportam pela barra de Lisboa.

Titulos de obras exquisitos. — Como curiosidades litterarias publicamos os seguintes titulos de livros escriptos por frades.

— « Grão do Evangelho na terra virgem Christo, seminario de toda a doutrina, pelo padre José de Ormaza, da companhia de Jesus: Madrid 1667.

— Racional campana de fogo que toca para que acudam todos os fieis com agua de suffragios a mi-

tigar o incendio do Purgatorio, em que se queimam vivas as bemditas almas que alli penam. Seu auctor o padre Fr. Feliciano de Sevilha, pregador e missionario apostolico, da ordem dos capuchinhos. Cadiz 1704.

— Refluxo de agua benta que, qual sagrado Jordão, á vista da arca do melhor maná, fazendo-se christallino muro se defende da opinião que pertende fazel-a correr em tal presença e que a arca do testamento se pareça á do diluvio. Applica-o para maior defeza ao forte e illustre contramuro do illm.° sr. deão e cabido da santa igreja cathedral de Sevilha, Salvador Fernandez de Hervera, presbytero.

— Florilegio sacro que em o celestial, ameno e frondoso Parnaso da igreja grega (misticas flores), a Aganipe sagrada fonte de graça e gloria Christo, com cuja afluencia divina, incrementada da excelsa palma Mariana (triumphante por privilegios da graça) se coroa de victoriosa gloria, por Fr. Francisco de Soto Salamanca 1738.

Para amostra desta obra bastará o seguinte periodo.

« Eia, alados paranimphos, entoae funebres exequias, já que ao compasso de seu funesto pranto contrapontea Maria o luctuoso solo do seu sentimento. »

Novo condensador de vapôr. — Lê-se no *Express de Londres* « Vae ter novo impulso a navegação por vapôr com o descobrimento feito por Mr. J. Miller, mediante o qual pertende evitar os accidentes das explosões das maquinas, purificando a agua e fazendo servir continuamente a mesma quantidade ao movimento do mechanismo. A experiencia foi feita em Jersey, onde com admiração se viu funccionar uma maquina por espaço de nove mezes, sem que os tubos e as valvulas criassem essas incrustações que as obstruem e tanto a miudo lhes causam roturas.

Pelo lado da economia, evita-se a renovação da agua que tantas difficuldades offerece nas largas navegações.

Mercado de Pernambuco — 21 de outubro. — Bem que nosso mercado continuasse calmo, fez-se mais alguma coisa esta semana, tanto em generos de importação como de exportação.

Exportação. — Fizeram-se algumas vendas de assucar novo mascavado de 1$250 a 1$400 réis por arroba, e branco de 2$000 a 2$400 réis. O algodão baixou alguma coisa, e teria baixado mais se um especulador não comprasse algumas partidas das nossas cotações. Diz-se que uma partida de couros seccos salgados foram vendidos a 114 réis a libra. Venderam-se algumas porções de chifres de Montevidéo a 10$000 réis o cento, e da terra a 3$800 réis.

Importação. — Venderam-se passas, a 6$000 réis a caixa, vinho branco de Malaga a 130$000 réis a pipa, e de Lisboa marca João de Brito a 162$000 réis, e PRR. a 135$000 réis; papel almaço 1.ª e 2.ª sorte a 3$400 réis, de embrulho a 1$400 réis, massas a 6$400 réis a arroba, ervadoce a 7$000 réis a arroba, cominhos a 5$500 réis a arroba, enxofre a 2$200 réis a arroba, manteiga ingleza de 520 a 540 réis a libra, dita franceza a 440 réis a libra, cera branca de Angola a 600 réis a libra, dita amarella a 500 réis a libra, café a 4$000 réis a arroba. Não ha azeite doce nem pimenta da India em primeira mão.

Bacalháu. — O deposito hoje monta a 3:800 barricas. Um carregamento entrado nesta semana foi vendido a preço occulto, o qual julga-se seria 10$600 réis; retalhou-se a 11$500 réis a barrica.

Carne secca. — Está terminado o deposito da de Montevidéu e Buenos-Ayres. Da do Rio Grande ficaram em ser 31$000 réis a arroba, tendo-se retalhado de 3$000 a 3$600 réis por arroba.

Farinha de trigo. — Não ha nenhuma em primeira mão, por isso não se póde cotar o preço.

Fretes. — Dizem que se fretou um navio para Trieste 42 s. 6 e 5 por cento de primagem; e para o Hare a 400 réis e 10 por cento por arroba de algodão, ao cambio de 160 réis por franco.

Cambios. — Passaram-se algumas sommas sobre Londres a 28 d. por 1$000 a 60 dias vista. e ha offerecimento de letras sobre Paris a 340 réis por

Descontos. — O banco continuou seus descontos de 6 a 8 por cento ao anno; e os particulares de 8 a 6 os descontos parecem mais firmes pela proximidade da safra.

Mercado do Rio de Janeiro. — Recebemos o *Diario do Rio de Janeiro* até 14 de outubro. O cambio sobre Lisboa estava a 98 por cento. As peças valiam 16$000 rs.

Agua-ardente de canna 76$000 a pipa. Dita caxaça 60$000 dita. Dita destilada 80$000 dita. Algodão em caroço 2$500 a arroba. Dito tecido branco 220 a vara. Dito riscados 240 dita. Arroz de fóra e da terra 12$600 o saco. Assucar de c. red. e da terra 2$500 a arroba. Dito batido 2$300 dita. Dito mascavo 1$700 dito. Dito refinado 4$000 dito. Atanados 180 lib. Cacáu 2$400 arroba. Café bom 3$300 dita. Dito eacolha 1$800 dita. Dito torrado 4$000 dita. Carne sêca 3$000 dita. Couros de cavallo 1$600 cada um. Dito de boi com avaria do cam. 1$400 dito. Ditos limpos grandes 180 lib. Ditos pequenos 210 dita. Dito refugo pequenos 180 dita. Ditos salgados 3$000 cada um. Fumo bom 4$600 o arratel. Dito ordinario 4$000 dito. Dito em folha bom 8$000 dito, Dito ordinario 2$000 dito.

THEATRO DE D. FERNANDO.

Abriu o theatro de D. Fernando, e a companhia franceza realisou as esperanças que a seu respeito se tinham fundado. É superior á da epocha anterior, e M. Bernard seu zeloso director merece muitos louvores pelas valiosas acquisições que fez em Paris. Mademoiselle Pauline Lyons tem sido como merece muito applaudida, é uma elegante artista que representa com muita verdade e gosto. M. Real tambem agradou bastante.

O repertorio promette ser tão variado que é difficil seguir o seu andamento.

É para lastimar que em quanto este theatro sem subsidio nem edificio gratuito chama a si uma escolhida e intelligente concorrencia, o nosso theatro nacional subsiado por mais de um modo se transforme em praça de arlequins sem que a auctoridade valha a este degradamento de gosto e da arte dramatica.